

AS FORMAS DO INFORME

Escola Superior de Artes e Design Caldas da Rainha

AS FORMAS DO INFORME

Viktoría Sydorenko

Mestrado em Artes Plásticas - Caldas da Rainha 2016

Orientador: Professor Nuno Fragata

Coorientadora: Professora Luísa Soares de Oliveira

AS FORMAS DO INFORME

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Professor Nuno Fragata, pelas orientações, dicas e chamadas de atenção, também à minha professora de Projeto, Professora Marta Soares que me ajudou e acompanhou no meu crescimento ao longo deste Mestrado e ainda à minha coorientadora e coordenadora do Curso - Mestrado de Artes Plásticas, Professora Luísa Soares de Oliveira, pelo acompanhamento na componente escrita desta Tese. E, ainda, agradecer à Professora Rosália Rodrigues, pela ajuda na Língua Portuguesa.

E, por fim, agradecer à minha família a paciência e compreensão e também, do fundo do coração, às minhas amigas Inês Nunes e Célia Correia, pela motivação e pelo apoio espiritual.

A todos um muito obrigada!

RESUMO

Nesta componente escrita da minha Tese de Mestrado em Artes Plásticas, debrucei-me sobre a forma como alguns Autores e Pintores, que conheci ao longo do Curso, me influenciaram, quer nas abordagens, quer nas formas e materiais utilizados nos meus trabalhos.

Inspirada pela paisagem, pela Natureza e pela Poesia, a minha intenção não passa por criar uma imagem reconhecível, mas sim por transmitir emoções, “rendendo-me ao que me rodeia, unindo-me às nuvens e às pedras”, num caminho de solidão criativa que convosco partilho nesta Tese.

Emoções que, tal como as nuvens, são informe visível.

ABSTRACT

In this written component of my Plastic Arts masters thesis, I wanted to focus on the influence authors and painters, I have met during this course, had on my approach, form and the materials I use.

Inspired by nature, landscapes and poetry, my goal was not only to create a memorable image but transmit emotions. “I surrender to my surroundings, merging with clouds and stones”, on a solitary path that I now partake with you in this thesis.

PALAVRAS CHAVE:

Atmosfera, Emoções, Sublime.

ÍNDICE

Agradecimentos	4
Resumo	5
Palavras - chave	6
Introdução	8
1 . Informação do Contexto	10
1.1. A Natureza como elo de ligação	10
1.2. Relação entre Natureza e Homem	11
1.3. Natureza e Arte	11
2. Estado da Arte	13
2.1. Entre a Terra e o Céu	13
2.2. Entre Turner e Biberstein	15
3. A construção das várias séries e o seu processo	17
3.1. Matérias e Métodos	17
3.2. Fotografia e Cor	19
3.3. Mancha e Luz	22
4. Intuição na Imagem	24
4.1. Memória como Voz Interior	24
4.2. Paisagem como uma metáfora da Nostalgia	25
4.3. A intuição inserida no processo criativo	26
5. Matérico e Atmosférico	27
5.1. Translúcido - Passado	27
5.2. Negro - Encoberto	28
5.3. Brilho - Futuro	29
5.4. Grelha - Corpo	30
Conclusão	32
Anexo	33
Bibliografia	37
Índice de Imagens	38

INTRODUÇÃO

Morte ou Vida, qual será mais longa ou mais curta? Dia ou Noite, qual será escuro ou claro? Luz ou Sombra, qual será brilhante ou opaco? Natureza ou Homem, qual será forte ou fraco? Talvez nada exista ou tudo exista como infinito...

Se na minha mente de não falante da Língua Portuguesa, é desta forma que sinto as palavras, procurarei, no entanto, ao longo desta Tese, ser muito mais objetiva na forma como utilizo a Língua de Camões...

Ao que é imprevisível podemos contrapor o já conhecido e, por isso, confortável aos nossos sentidos. Ao longo da existência que vamos conhecendo enquanto seres finitos, entendemos princípios e fins, percebemos movimentos e mutações, procuramos conferir sentido à vida. Viver será crescer, como uma soma de sentimentos, de experiências ao longo de um percurso desconhecido que se clarifica à medida que se concretiza. Por vezes surge a sensação que se correremos atrás da vida ela irá fugir de nós.

Viver será um processo individual de descoberta, da descoberta de um espaço interior onde o nada e o tudo se encontram e cruzam. Um lugar onde nos encontramos quando nos conseguimos perder. Associado a uma sensação de leveza, uma leveza com certezas e sem fim. Essa sensação surge-nos, por vezes, no contacto com a Natureza, como se a Natureza se abrisse ao contacto com o Homem e com ele comungasse, tocando-o. Esse contacto, esse ponto de comunhão, provoca algo, talvez o plantar de uma lembrança, talvez a associação entre uma imagem e um sentir, algo que poderá levar ao ato criativo se desta comunhão surgir a predisposição para tal.

O ato criativo revela-se, então, como uma obra.... possivelmente um poema ou uma representação, produzidos pelo ser humano sob influência da sua experiência com a Natureza.

O trabalho que apresentamos, desenvolvido ao longo do Mestrado em Artes Plásticas, parte de uma noção de paisagem vinda da memória, ganha forma visível por meio de experimentações matéricas, que resultam num trabalho que remete para o abstrato. A paisagem revela-se como uma metáfora para nostalgia. As formas resultantes são como possíveis nuvens, ou como um organismo em constante mutação.

“ Quando ouvimos os sinos, ouvimos aquilo que já trazemos em nós mesmos como modelo. Sou da opinião que não se deverá desprezar aquele que olhar atentamente para as manchas da parede, para os carvões sobre a grelha, para as nuvens, ou para a correnteza da água, descobrindo, assim, coisas maravilhosas.”¹

¹ Leonardo Da Vinci in ZOLLNER, Frank, (2005), *Leonardo Da Vinci Desenhos e Esboços*, Koln, Tascen.

Na Informação do Contexto será apresentada uma breve explanação sobre o que está na base do trabalho, a Natureza como elo de ligação, a relação entre Natureza e homem, Natureza e Arte.

Depois, em Estado da Arte, apresentamos pensamentos e referências de filósofos e artistas ligados à Natureza nos quais encontramos inspiração.

Em A Construção das Várias Séries e o seu Processo, falamos de organização prática, da escolha das materiais e significação dos métodos abordados, apresentamos o que é para nós relação entre a fotografia e a tinta e também dos sentidos da mancha e da luz.

Em Intuição na Imagem mostraremos o modo como a intuição está inserida no processo criativo, explicando a memória como voz interior e a paisagem como metáfora da nostalgia.

Em Matérico e Atmosférico, analisaremos as relações que fazemos entre translúcido - o passado, negro - o encoberto, brilho - o futuro.

Por último, faremos uma Conclusão, onde falamos de um modo livre sobre a forma como a obra se revela.

“ O real é aquilo que não é o que eventualmente dele pensamos, mas que permanece não afetado pelo que dele podemos pensar.”²

² Charles S. Peirce in WARREN, Maria Celeste de Almeida, (2010), *Paisagens Sínicas*, Salvador, Edufba.

INFORMAÇÃO DO CONTEXTO

1.1 A Natureza como elo de ligação

Habitualmente, estamos em contacto com a Natureza e dependemos dela para a nossa sobrevivência.

Os recursos naturais oferecidos pela Natureza, como água, ar, energia, animais... são aproveitados pelo Homem, como se de um movimento de construção e de desconstrução se tratasse, um faz e desfaz próprio da natureza humana. Mas há o falar e há o fazer, já que para tudo encontramos justificação e em nome da sobrevivência, o Homem afirma-se respeitador da Natureza, mas tem atitudes que em nada demonstram esse respeito. Esquecendo uma coisa simples: é que o Homem também faz parte da Natureza, emana dela, e sempre têm convivido, Homem e Natureza. No entanto, desde o início da industrialização, com o avanço tecnológico, o Homem parece ter esquecido o seu lugar na Natureza, afastando-se cada vez mais dela.

*“ ... Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r- eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todas os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um
excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo como a Natureza
tropical -
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força -
Canto, e canto o presente, e também o passado e o
futuro.
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro ... “³*

Verifica-se uma linha de separação entre Homem e Natureza; uma linha contra-natura, diremos, já que Homem e Natureza são unidade no sistema do Universo.

³ PESSOA, Fernando, (1986), *Obra Poética e em Prosa*, (Vol.1), Porto, Lello e Irmãos - Editores.

1.2 Relação entre a Natureza e o Homem

O Homem é, antes de tudo, um ser natural. Como ser natural vivente que é, ele tem a sua Natureza interior (intuição), que lhe dá o impulso para ver e criar dinâmicas da Natureza exterior (Universo). São as correlações que emanam de forças naturais, de forças vitais, reminiscências e impulsos que levam o Homem a olhar a Natureza, a vê-la e a recriá-la.

Em parte o Homem é, enquanto ser natural, matéria dotada de corpo e sentidos, condicionado e limitado, um ser real e objetivo dotado de forças naturais, de sentidos. O facto de ser objetivo, e ao mesmo tempo natureza fora de si, leva por vezes o Homem a aproximar-se da Natureza, por forma a poder satisfazer-se e acalmar-se.

“ Para o homem da primeira espécie, a natureza é uma pintura; para os homens da segunda, ela é uma oportunidade; para os homens da terceira, ela é um cosmos, tão admirável que penetrar nos seus caminhos lhe parece a única coisa que na vida valeu a pena...”⁴

A Natureza tem inúmeros significados que dicionários e enciclopédias nos oferecem, como o mundo material e os seus fenómenos, as leis da Natureza, o conjunto dos seres e forças que formam o Universo...

1.3 Natureza e Arte

A Natureza é a grande Mestre: nela observamos a magnificência dos fenómenos naturais, surpreendendo-nos com a sua imensa beleza, força e, diríamos, harmonia.

“ Os contrastes entre o branco e o negro, o fixo e o móvel, tornam esta catarata num dos cenários mais fascinantes do país, pois a massa de água precipita-se sobre basalto negro a que a Natureza deu a forma de colunas. Estas colunas arredondadas e levemente abauladas parecem formar um anfiteatro que circunda a água e o seu reservatório.”⁵

“ À luz do sol da meia-noite, ficamos quase com a impressão de que as ilhas são imaginárias, assemelhando-se a um cenário de um conto de fadas.”⁶

“ Esta maravilha da Natureza já serviu de inspiração a muitos pintores...”⁷

“ O que parece ser uma pintura de um artista moderno que tenha exagerado na tinta vermelha é, afinal, a mais pura das realidades...”⁸

⁴ Charles S. Pierce in WARREN, Maria Celeste de Almeida, (2010), *Paisagens Sígnicas*, Salvador, Edufba.

^{5, 6, 7, 8} VERLAGSGESELLCHAFT, Naumann & Gobel, (2012), *Maravilhas da Natureza*, Vemag, pp.14, 15, 25, 205.

Por vezes inspirado pelos fenômenos naturais, pelas manifestações fantásticas e magníficas da Natureza, o Homem tenta imitá-la, ou interpretá-la, levando para a Poesia, para a Pintura, para a Fotografia e para as novas Tecnologias o resultado dessa, por vezes violenta, emoção, que é observar e sentir a Natureza.

A Natureza por vezes inspira o Homem e transporta-o para o mundo da Arte.

Segundo Leonardo da Vinci,

“o gênio do pintor há-de se apossar de todas essas coisas para criar composições diversas: lutas de homens e de animais, paisagens, monstros, demônios e outras coisas fantásticas. Tudo, enfim, servirá para engrandecer o artista.”⁹

A Arte começou por se manifestar na confecção de utensílios. No entanto, foram-se progressivamente manifestando a possibilidade e o impulso de recriar o mundo e as complexas necessidades individuais da humanidade. Com a Arte, o indivíduo pôde iniciar o testemunho eterno da sua existência, o impulso criativo e o poder de expressão artística.

Porém, ao longo da História várias têm sido as abordagens à Natureza feitas pelo Homem, abordagens que variam em função das motivações. As relações do Homem com a Natureza eram, nos primórdios da Humanidade, relações divinas, apresentavam rituais, magias, símbolos e mitos, patentes na vida quotidiana e com capacidade de resposta para dúvidas existenciais e até para atuações do homem para a ética e para a moral.

No entanto, e dado o caráter complexo do mundo atual, a Arte também é sinalizadora dessa complexidade, acabando por ser farol e antena dos movimentos, da vida das populações e das pulsações da cultura.

Por isso, o Homem tem, segundo C.S.Peirce,

“... O insigne natural das leis da Natureza é se quisermos tomar o pulso aos ventos vivos da cultura, temos de nos aproximar da Arte.”¹⁰

Ao longo dos tempos, a Natureza serviu de inspiração ao ser humano. Ainda hoje, a beleza de paisagens e cenas naturais é retratada em diversos estilos. É o que veremos, neste trabalho, um pouco mais à frente...

Assim, a Natureza poderá ser o elemento subjacente à Arte.

⁹ Leonardo Da Vinci in ZOLLNER, Frank, (2005), *Leonardo Da Vinci Desenhos e Esboços*, Koln, Tascen.

¹⁰ Charles S. Pierce in WARREN, Maria Celeste de Almeida, (2010), *Paisagens Significas*, Salvador, Edufba.

ESTADO DA ARTE

A Arte contém em si as várias formas que o Homem encontrou ao longo dos tempos para representar a Natureza e para se representar a si próprio, sendo que qualquer época artística é um reflexo das dinâmicas de crescimento e desenvolvimento da Humanidade.

Na Arte, tal como na Filosofia, o Homem debruça-se sobre a Natureza, sobre o Passado e o Futuro, fazendo a síntese entre o conhecido e o desconhecido, entre o intuído e o trabalhado.

Nesta Tese, procurei descodificar através dos meus trabalhos, num caminho feito pelo meu olhar ao longo do mestrado, o trajeto da Terra ao Céu, entendendo a abrangência da linha do meu olhar, de baixo para cima.

2.1. Entre a Terra e o Céu

A vida na Terra é possível graças à luz do Sol. Devido à sua posição em relação ao Sol, o nosso planeta recebe uma quantidade de energia solar que permite a existência da água em estado líquido, e não apenas em estado sólido ou gasoso. Talvez por isso, na Antiguidade Clássica (séculos VII - III a.C), Tales de Mileto (624 a.C. - 558 a. C) achava que a água era um elemento fundamental, já que nela tudo começava e para ela tudo voltava.

Voltando à Cultura Clássica da Antiguidade, Anaximenes (585 a.C - 528 a.C) entendia que o ar era a substância base de todas as coisas. Ar como energia, também importante para Anaxágoras (500 a.C - 428 a. C), para quem a parte se encontra no todo, já que ele entendia que as coisas eram constituídas por minúsculas partículas, invisíveis a olho nu.

“Sendo parte da natureza, a mente emergiu do mesmo processo evolutivo que perpassa a biosfera. Há, conseqüentemente, uma conaturalidade entre a mente e o cosmos, o que significa que o homem tem uma afinidade com a natureza, está em sintonia com ela, e possui uma adaptação natural para imaginar teorias e ideias que traduzem essa sintonia. Mente e natureza desenvolvem-se juntas, esta última implantando, na primeira, sementes de ideias que irão amadurecer em comum concordância.”¹¹

¹¹ Richard Rorty in WARREN, Maria Celeste de Almeida, (2010), *Paisagens Sígnicas*, Salvador, Edufba.

Visto do espaço, o Planeta Terra surge como uma esfera de cor azul brilhante. Esse efeito cromático é produzido pela dispersão da luz solar sobre os gases atmosféricos.

Sim, entre a Terra e o Céu há atmosfera, mas também há muito mais... E é sobre isso que me dediquei ao longo da minha Tese, sobre mutações, transformações perceptíveis nesse trajeto do olhar, da Terra ao Céu, procurando depois criar representações.

O Céu?

Em cima... as nuvens levam o homem a dirigir o olhar para o alto e de lá voltam questões sobre as formas e sobre o destino, numa quase inocência original semelhante à que prolifera no coração de uma criança.

Mesmo os adultos nem sempre entendem no imediato a resposta, ou as respostas, e, nesse gesto, o de levantar a cabeça para cima e dar um longo olhar pelo céu e pelo infinito do horizonte, intui-se o que de outro modo é como que inexplicável. Para Anaximandro (610 a. C - 547 a.C), a Terra era um de vários mundos surgidos de alguma coisa que, para ele, seria o Infinito.

O Céu - é uma enorme paleta onde as cores do mundo estão misturadas ...

O Céu - é o ar...

O Céu - é o transparente...

O Céu - é o azul... é o negro, é o branco ... é o intuitivo ... é o perigoso ... é o belo..

Se nesta Tese não me debruço sobre as causas, na verdade interessa-me debruçar-me sobre os fins. Aristóteles (384 a.C - 322 a. C) acreditava que na Natureza havia uma relação de causa - efeito e também acreditava na causa da finalidade. Para a ética de Aristóteles, a moderação era o caminho ideal para se atingir uma vida equilibrada e harmoniosa.

Nos meus trabalhos, privilegio também a harmonia e o equilíbrio que sinto na Natureza e tento com eles demonstrar o que os meus olhos me dão a conhecer.

E o que os meus olhos me dão a conhecer passa também por um conjunto de transformações, mutações que tento reproduzir nos meus trabalhos. Para Heraclito (540 a. C - 470 a. C), que confiava nos sentidos, a característica principal da Natureza eram as constantes transformações.

*“ E se em seguida ativa matéria
For chamada à mais alta atmosfera,
A nuvem paira alto, a acastelar,
Anunciando, firme, o seu poder;
E se a temeis, vossa intuição não erra:
Quando o céu ameaça, treme a terra.”¹²*

¹² GOETHE, Johann Wolfgang, (2012), *O jogo das Nuvens*, Porto: Assírio & Alvim.

2.2. Entre Turner e Biberstein

Na busca de equilíbrio entre o racionalmente inteligível e as emoções, procurei atingir a harmonia entre o que vejo, a Natureza, e o que sinto.

Ao longo deste Mestrado, estudei diversos Artistas e interessei-me pelo trabalho de alguns deles.

Deles recebi inspiração e em alguns momentos relatei elementos dos seus trabalhos com elementos que pretendi utilizar nos meus.

O caso, por exemplo, de William Turner (1775 - 1851), que apresenta paisagens imponentes em composições desenhadas e acontecimentos históricos. Em Turner encontrei interações do sublime com a Natureza. Ele desenvolveu efeitos na pintura, transformando num estado de alma as percepções da Natureza observada de perto.

Nos seus trabalhos encontramos turbilhões de nuvens com nuances de luz e matrizes de cor em negro. Técnicas que evocam sensações do “Sublime”.

Com Turner valorizei a luz, o sublime (espiritual) e a aproximação ao referente.

“ O mais sublime não pode existir sem mistério, disse Ruskin, postulando as composições de Turner com as suas evocações do infinito, a sua negação de descrições objectivas e os seus temas ambíguos e “ mistificados “, como uma forma adequada de se lidar com a inefabilidade deste mundo.”¹³

Também Paul Cézanne (1839 - 1906) foi uma referência para mim, nomeadamente no que diz respeito à forma. Nele, reconheço o respeito pelo que vê, pelas linhas, pela estrutura e pelas cores. Em Cézanne encontrei inspiração para os meus primeiros trabalhos, estudos que efetuei.

“Nós não devemos pintar o que nós pensamos que vemos, mas o que vemos... Às vezes ele pode ir contra a corrente, mas isso é o que as nossas exigências do ofício.”¹⁴

Por sua vez, Claude Monet (1840 - 1926), que se interessa pela pintura ao ar livre e que viria a trazer a técnica para trabalhos efetuados em vários momentos do dia, em pinturas de sequências, trouxe-me a importância do espaço e do tempo atmosférico (condições atmosféricas que condicionam a paisagem), da luz e da cor.

“ Para mim, uma paisagem não existe só por si, de forma imutável, uma vez que a sua aparência muda a cada momento. Mas a atmosfera circundante traz a vida, a luz e o ar que variam continuamente... para mim, é apenas a atmosfera circundante, a que se submete o seu verdadeiro valor.”¹⁵

¹³ WOLF, Norbert, (2002), *Romantismo*, Taschen.

¹⁴ <http://www.theartstory.org/artist-monet-claude.htm>

¹⁵ <http://www.theartstory.org/artist-cezanne-paul.htm>

Wassily Kandinsky (1866 - 1944) foi um dos pioneiros da arte moderna abstrata, criando uma experiência estética em que se envolvem vários elementos, procurando a representação de visão, som e emoção, atingindo, assim, um estado poético.

Com Kandinsky, tomei contacto com a possibilidade de através da pintura se poder fazer uma linguagem própria, poética, uma linguagem dos sentimentos e das emoções.

“ A Natureza, ou seja, tudo o que cerca o homem em constante mutação, faz vibrar constantemente as cordas do piano (alma) através das teclas (objectos).”¹⁶

Com Joan Mitchell (1925 - 1992), maravilhei-me com a exuberância dos trabalhos: ritmos de composição, coloração a negro, pinceladas gestuais deslumbrantes sobre pinturas grandes e, muitas vezes, multi-painéis. Joan Mitchell pretendia, desta forma, transmitir emoções, em especial o sentimento da nostalgia (passado).

Joan Mitchell mostrou-me que o importante é transmitir emoções, de uma forma abstrata, mais importante do que criar uma imagem reconhecível.

“Abstrato não é um estilo de quem simplesmente quer fazer um trabalho de superfície. Este é apenas o uso do espaço e da forma... Uma ambivalência de formas e espaço.”¹⁷

Finalmente, ao estudar Michael Biberstein (1948 - 2013) entendi como as pinturas falam de espaços em vez de paisagens concretas. Em Biberstein reconheci paisagens constituídas por espaços interiores e por infinito.

“ Temos uma necessidade fisiológica para a metafísica.”¹⁸

Tempo e Natureza. Formas e estruturas. Inteligível e emoções... Um tudo que na Arte se transforma e ainda nos deixa o sabor de perguntas e de respostas, do mensurável e do que não se mede, nem no tempo nem no espaço, ou seja, do infinito.

¹⁶ KANDINSKY, Wassily, (2015), *Do Espiritual na Arte*, Alfragide, Dom Quixote.

¹⁷ <http://www.theartstory.org/artist-mitchell-joan.htm>

¹⁸ http://jeannebucherjaeger.com/wp-content/uploads/2015/06/A_Sky_for_Michael_Biberstein_Press_Folder_Galerie_Jaeger_Bucher_2014_EN.pdf

A CONSTRUÇÃO DAS VÁRIAS SÉRIES E O PROCESSO

“ Toda a obra de Arte é filha do seu tempo e, muitas vezes, a mãe dos nossos sentimentos.”¹⁹

3.1. Materiais e Métodos

Guardo até hoje memórias de uma paisagem ao pôr do sol, em que os reflexos violeta e púrpura se debruçavam misteriosamente nas águas negras de um rio. Memórias através dos tempos inspiradoras de trabalhos que até hoje me servem de estudo e descoberta da Natureza.

Não escondo que os meus trabalhos atuais se baseiam na Natureza, nela procurando e estudando a beleza, a harmonia, a força e a grandiosidade. Tempos houve, nos meus primeiros trabalhos, em que as forças inspiradoras chegavam através do estudo de Claude Monet e Wassily Kandinsky, no primeiro devido à luz e à cor patente nos seus trabalhos e neste último, a poesia e as emoções. Estudos e trabalhos em que os momentos da Natureza eram transmitidos para materiais como técnica simples, óleo ou acrílico sobre tela ou MDF, também com tinta da china, ou ainda com produtos mais naturais, como o café, sobre cartão ou papel.

Embora baseados na observação e estudo da Natureza, os meus trabalhos iniciais apresentavam cores mais vivas do que a realidade, mercê mais da vontade de que essa gama colorida fosse Natureza exterior, mas sendo, talvez, muito mais do que isso...

Por Natureza exterior, por aquilo que o Universo me oferecia, os meus olhos viam - e os meus trabalhos representavam - o horizonte, as montanhas cobertas de neve, as nuvens que aglutinavam, qual monstro mítico, o plano, a linha, em que céu e terra se unem.

Hoje, os meus trabalhos são diferentes desses que fiz no passado, pois refletem outros estudos em que me empenho, sempre com a Natureza por base, mas com o acréscimo da reflexão após estudo da Filosofia e da História da Arte efetuado neste Mestrado. Deste modo, procuro agora nos meus trabalhos demonstrar reflexões várias sobre a Natureza interior (emoções, sentidos e sentimentos) e a Natureza humana, ou seja, a matéria, o corpo.

Os meus trabalhos atuais são feitos com técnica mista, com tinta industrial sobre plástico translúcido. Utilizo o preto e o branco, cores que encerram entre uma e outra um mistério que tento descobrir e interpretar, entre a dinâmica e o estático, ou seja, o que encontro entre o matérico (preto) e o atmosférico (branco). Assim, tento com estas cores, a descoberta de um jogo infinito, mercê das dinâmicas com elas obtidas.

De ontem a hoje, chega através dos meus trabalhos um conjunto dinâmico, porque resulta do estudo, da reflexão e dos movimentos, mutações da Natureza, exterior e interior, das cores vivas e da dicotomia preto/branco.

¹⁹KANDINSKY, Wassily, (2015), *Do Espiritual na Arte*, Alfragide, Dom Quixote.



Fig 1., 2013



Fig 2., 2013



Fig 3., 2013



Fig 4., 2013

3.2. Foto e Cor

“Entre as cidades invisíveis há uma sobre palafitas, e os moradores observam do alto a própria ausência. Talvez, para compreender quem sou, eu tenha que observar um ponto no qual poderia estar, e não estou. Como um velho fotógrafo que faz pose diante da objetiva e depois corre para acionar o botão do disparador à distância, fotografando o ponto em que poderia estar, mas não está. Nos momentos de euforia, penso que aquele vazio que não ocupo pode ser preenchido por outro eu mesmo, que faz as coisas que eu deveria ter feito, e não soube fazer. Um eu mesmo que só pode brotar desse vazio.”²⁰

Após refletir sobre o conjunto de perguntas/respostas dos filósofos, para quem quase tudo se encontrava na Natureza - equilíbrio, harmonia, infinito, princípio e fim, transformação - começo por me interrogar sobre o que é Natureza. E chego, através dos meus trabalhos, à representação da Natureza, da Natureza Exterior, da Natureza Interior e da Natureza Humana.

Para mim, há Natureza Exterior, Universo, espaço e há Natureza Interior, intuição, invisível, mas com energia. E também há Natureza Humana, visível e palpável.

São estas interpretações que tento veicular nas várias séries e nos vários processos patentes nos meus trabalhos.

Fotografia, o que é?

O nome já diz tudo: foto-grafia. Foto quer dizer luz e grafia é a escrita da luz, pelo que fotografar é escrever com luz.

A fotografia faz um jogo entre realidade — o seu referente, o real — e o imaginário. A partir do momento em que o real é transformado em imagem, ele desaparece, dando lugar ao resultado da transformação conseguida nessa fração de segundos que é o tempo que a objetiva leva a captar o referente.

Seja qual for o assunto que se fotografa, uma pequena mudança do ponto de vista ou a escolha de um diferente horário muda tudo. Talvez a fotografia me tenha impulsionado como ferramenta para transmitir algo, de uma maneira rápida, cómoda e exata, sem precisar de desenhar ou de escrever. A câmara fotográfica é uma ferramenta com a qual faço os meus esboços rápidos, como se de um bloco de notas visual se tratasse e com a qual faço a leitura e a interpretação dos factos que vivencio e, por isso, reputo como verdadeiros e reais.

²⁰ Italo Calvino in WARREN, Maria Celeste de Almeida, (2010), *Paisagens Sínicas*, Salvador, Edufba.

Nesta busca constante do que é Natureza Humana e do que é Natureza Interior e Natureza Exterior, refleti sobre a linha de aproximação entre elas.

E, tendo por base esta ideia de dinâmica entre o Homem e a Natureza, utilizei um corpo humano e uma montagem de material informe num plano negro. Procurei, desta forma, sentir e entender o que é Natureza Interior (nuvem/material informe), em conjugação com a Natureza Exterior (plano negro) e a Natureza Humana (corpo/grelha).

Concluí, com este trabalho, que a linha de aproximação entre as três formas de Natureza é equilíbrio, harmonia, energia.

Tentei, assim, concretizar o plano do imaginário e das emoções e juntar criativamente o Homem às Nuvens.

Cor, o que é?

Cor é a impressão que a luz refletida ou absorvida pelos corpos produz nos olhos. A cor branca representa as sete cores do espectro: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. A cor preta é a inexistência de cor ou ausência de luz.

O termo “cor” é aplicado em diferentes contextos. Pode-se referir à cor do cabelo, à cor dos olhos ou à cor da pele. Neste último caso, a expressão “de cor” indica alguém com tom de pele escuro.

No sentido figurado, “ficar sem cor” exprime a palidez súbita de um indivíduo seja por um susto, por doença ou por alguma emoção. “Mudar de cor” pode indicar palidez ou ruborização da pele.

As cores possuem diferentes significados que variam entre diferentes culturas. Na cultura ocidental, as cores estão relacionadas com as emoções do ser humano.

Na decoração dos ambientes, o efeito estimulante das cores não é negligenciado, nem o efeito energético, que, através da cromoterapia, influencia a saúde das pessoas.

As cores foram convencionadas para simbolizarem determinados acontecimentos ou sensações. Nos meus trabalhos utilizo o claro e o escuro, o preto e o branco.

Para Kandinsky,

“(...) o branco e o preto, já foram definidos em linhas gerais. O branco, considerado por vezes como uma não-cor,...é como o símbolo de um universo onde todas as cores, enquanto propriedades de substâncias materiais, se desvaneceram (...).”²¹

E, continua Kandinsky,

“(...) apenas um grande silêncio se estende até ao infinito, como uma fria muralha, impenetrável e indestrutível. Na nossa alma, o branco atua como o silêncio absoluto.... Um “nada” sem possibilidades, um “nada” morto depois de o Sol morrer, como um silêncio eterno, sem esperança de futuro, eis a ressonância interior do preto.”²²

^{21, 22} KANDINSKY, Wassily, (2015), *Do Espiritual na Arte*, Alfragide, Dom Quixote.



Fig 5., 2014



Fig 6., 2014



Fig 7., 2014

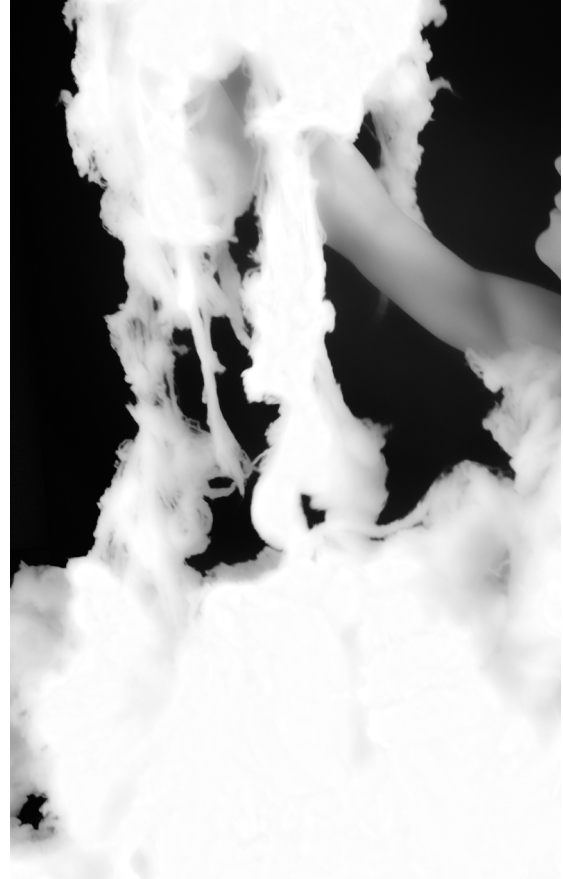


Fig 8., 2014

3.3. Mancha e Luz

A luz, como tudo no universo, é outra forma de expressar energia, mas é uma expressão extraordinária e única. De uma forma simples, podemos afirmar que a luz é um fenómeno natural e essencial ao nosso dia a dia. Interessa-me o brilho, a luminosidade e reflexo.

Conquanto estas nuances me interessem, e muito, o que realmente prende a minha atenção é a luz natural e a sua transformação e, por isso, utilizo o plástico translúcido nos meus trabalhos, obtendo uma luz à transparência.

Trata-se de uma escolha: após testar outros materiais, outros suportes, decidi utilizar o plástico translúcido pelas particularidades que ele oferece, como o deixar-se atravessar pela luz, incidindo esta nas diversas cores, permitindo perceber o jogo mancha-luz, dando vida, dando visibilidade à mancha enquanto Natureza Interior transformada, assim, em Natureza Exterior. O estático, que é a mancha, transforma-se, deste modo, por via da luz, em vida, em energia dinâmica embuída de carácter.

“ Cada forma tem portanto um conteúdo interior. A forma é a manifestação exterior deste conteúdo. Esta é a definição do seu carácter interior.”²³

É deste modo que coloco as minhas manchas por forma a poderem comunicar com quem as vê, elas não são permanentes, elas adquirem estados, consoante as dinâmicas proporcionadas pela luz, variando pela hora do dia, pelas estações do ano, pelos vários tipos de carácter que vão obtendo.

E foi assim que dividi as minhas manchas por três tipos de caracteres:

Alinhados, prolongados, estabilizados, calmos, pacíficos, tranquilos e equilibrados.

Concentrados, fortes, profundos, ajustados, disponíveis.

Espalhados, fugidios, espantados, caóticos.

Nos meus trabalhos, procuro representar a Natureza Interior como cor que emana de uma mancha, que começa a viver com a sua energia na Natureza Exterior. É, assim, possível vivenciar na Natureza Exterior a energia patente na Natureza Interior, possível devido às mutações de luz e de energia sobre a mancha-forma.

“ A forma pode existir independentemente como representação do objecto (real ou não), ou como delimitação puramente abstracta de um espaço ou de uma superfície.”²⁴

^{23, 24} KANDINSKY, Wassily, (2015), *Do Espiritual na Arte*, Alfragide, Dom Quixote.



Fig 9., 2015



Fig 10., 2015



Fig 11., 2015



Fig 12., 2015

INTUIÇÃO NA IMAGEM

4.1. Memória como Voz Interior

Se semicerrar os olhos, podemos olhar o que está à nossa volta na Natureza Exterior, conseguindo apenas ver manchas-formas e luz-energia. Tudo o resto passa à construção da Natureza Interior, nela buscando imagens, ideias a que chamamos memórias.

A memória é uma capacidade cognitiva extremamente importante, porque está na base da aprendizagem. Se não houvesse uma forma de armazenamento mental de representações do passado, não teríamos uma solução para tirar proveito da experiência.

Esta intrigante capacidade mental é a base do nosso conhecimento, estando envolvida com a nossa orientação no tempo e no espaço e a noção de Natureza Exterior. Este tipo de aprendizagem torna-se intelectual e mecânico.

A partir de memórias do passado, dos sentidos, das emoções, conseguimos dar liberdade à Natureza Interior para imaginar os movimentos do futuro, deixando-a, desse modo, falar, ter voz rumo a uma criação dinâmica.

E é assim que o Futuro surge fruto de uma dinâmica que advém da Natureza Interior. É como que um todo feito de pequenos nada, este Futuro, fruto de memórias que nos vão chegando de um passado feito de pequenas-grandes emoções, vivências de luz e de formas que nos preenchem.

“ (...) aspecto exteriormente confuso e interiormente homogéneo que se apresenta a fase actual, enraizada no passado e olhando o futuro.”²⁵

²⁵ KANDINSKY, Wassily, (2008), *Gramatática da Criação*, Lisboa, Edições 70.

4.2. Paisagem, como uma metáfora da Nostalgia

*“ O mundo é tão vasto, espaçoso,
O céu tão amplo e majestoso!
Tudo quer ver o meu olhar,
Mas não sei como o imaginar.*

*Para me encontrar no infinito,
Primeiro distingo, depois junto:
Grato está meu canto e seu lume
Ao homem que às nuvens deu nome.”²⁶*

Aquela paisagem ao pôr do sol, em que os reflexos violeta e púrpura se debruçavam misteriosamente nas águas negras de um rio é mais intensa na minha memória, mas também lembro as outras: montanhas cobertas de neve e tudo branco, o silêncio infinito e sedutor, campos com flores coloridas e a linha do horizonte a separar claramente o céu e a terra em algum lugar muito longe.... a brisa do mar que assusta com a sua força, o céu da noite com brilhos das estrelas que nos leva para o cosmos até ao infinito....

As imagens oferecidas pela Natureza Exterior proporcionam visões obrigatórias, a que não podemos fugir; a Natureza Interior começa, então, a construir um modo de observar e interpretar essas mutações visíveis, fazendo uma análise criativa invisível, com percursos de perguntas e respostas, com imitação e imaginação...

É deste modo que descobrimos os paralelos entre a tristeza do pôr do sol, a calma das montanhas cobertas de neve, a alegria dos campos floridos, a força do mar, e entre o equilíbrio do brilho das estrelas e nós próprios.

Não sei que reminiscências são estas que me possuem, que sentimentos ou mesmo destroços de uma alma outrora desgastada, despedaçada há em mim. Não sei se serei lua, sol, ou a mais insignificante estrela do universo. Se sou tempo ou espaço, se possuo ou sou possuída, se sou vontade, se sou desejo ou sou desejada, se sou flor ou se é ar que os meus pulmões reprimem. Se ilumino ou sou iluminada, se sou passado, presente ou futuro, se estou aqui ou ali. Se sou contradição ou metáfora. Não sei se sou certeza ou incerteza. Se sou força ou fraqueza. Se sou mar ou se tenho mar. Se sou fúria ou se a sinto. Sou amor e ódio, paz e guerra.

O estado de profunda tristeza causado pela falta de algo é a sensação de saudade originada pela lembrança de um momento vivido no passado. Trata-se de um sentimento melancólico, geralmente produzido em pessoas que sentem alguma falta na sua vida e na Natureza Exterior. São pensamentos nostálgicos associados a momentos de felicidade vivenciados em determinado período da vida, em alguns casos idealizados.

²⁶ GOETHE, Johann Wolfgang, (2012), *O jogo das Nuvens*, Porto: Assírio & Alvim.

4.3. A intuição inserida no processo criativo

As memórias do passado, dos sentidos, das emoções... Um estado de tristeza indefinida, tal como a melancolia, saudades de momentos positivos. A melancolia é um sentimento semelhante à saudade mas tende sempre a aumentar.

E aqui, faço um paralelo, assaz singelo, entre a génese dos meus trabalhos e o princípio base do Romantismo (movimento artístico na Europa da 2ª metade do século XIX) de Jean-Jacques Rousseau, segundo o qual o Homem é naturalmente Bom, a Sociedade é que o torna Mau (mito do Bom Selvagem). E é assim que o Artista Romântico manifesta na Natureza Exterior a sua Natureza Interior, estados de tristeza que são noite, trevas, mar revolto, ventos tumultuosos.

“ (...) A paisagem é o reflexo e a marca impressa da sociedade dos homens na natureza. Ela faz parte de nós mesmos. Como um espelho, ela nos reflete. É ao mesmo tempo ferramenta e cenário. Como nós e conosco, ela evolui, móvel e frágil. Nem estática, nem condenada. (...)” ²⁷

A paisagem abarca o encontro do sensível e do subjetivo, das memórias e culturas, com o campo material, um meio ambiente, cujos elementos, físicos e sociais, estão sujeitos à percepção dos indivíduos, a qual conduzirá à compreensão de cada paisagem de acordo com a capacidade individual. Intuição é uma forma de conhecimento que está dentro de nós e que nos permite manifestar na Natureza Exterior a Natureza Interior.

As paisagens contêm manifestações fantásticas e magníficas da Natureza (mar revolto, céu tumultuoso, montanhas cobertas de neve, nascer e pôr do Sol...) que o Homem tenta imitar, ou interpretar, levando para a Poesia, para a Pintura, para a Fotografia e para as novas Tecnologias o resultado dessa emoção, que é o prolongamento da Natureza Exterior, o referente trabalhado.

Nos meus trabalhos, a força das minhas memórias manifestou-se de diferentes formas: nos trabalhos iniciais, reproduzi e mostrei a Natureza Exterior, em planos horizontais, interessou-me a linha entre o céu e a terra, a linha profunda do horizonte.

Mais tarde, nos meus trabalhos recentes, privilegio a Natureza Interior que mostro em planos verticais, mantendo o interesse no que existe entre o céu e a terra. Mas é o cosmos patente nessa linha vertical que os olhos abrangem quando olham para cima que me interessa mais, o conjunto das energias que animam o olhar, das energias que há entre o céu e a terra.

A intuição leva-nos ao mais íntimo da Natureza Interior, mostra-nos muito do que necessitamos comunicar, seja por instinto, seja o pressentimento, o presságio... seja, em suma, a inspiração que nos leva a transmitir nos nossos trabalhos sentimentos, sensações, emoções. Mas a intuição também nos dá o faro, o palpite sobre a relação entre as sensações, as energias que nos animam e o plano, o traço, a mancha, a luz.

É assim, parece-me, que no processo criativo há revelação, revelação do eu artístico, revelação da Natureza Interior.

²⁷ Bernard & Bernard in WARREN, Maria Celeste de Almeida, (2010), *Paisagens Sónicas*, Salvador, Edufba.

MATÉRICO E ATMOSFÉRICO

“Lamentar uma dor passada, no presente, é criar outra dor e sofrer novamente.”²⁸

Os pensamentos nostálgicos levaram-me a refletir no tempo e no que ele significa para os meus trabalhos, em função das escolhas que tenho feito e que me permitem dar forma às formas invisíveis e aplicar os resultados dessa reflexão nas minhas obras atuais.

Interessa-nos, agora, olhar para o processo criativo tendo em conta os tempos vários que nos constituem, enquanto eu artístico, mercê das vivências de luz e de formas que nos preenchem.

Entendemos por tempos vários, o tempo cronológico, o tempo atmosférico e o tempo interior, todos eles patentes nos meus trabalhos.

Também vamos falar da importância que demos à escolha dos materiais, enquanto veículo de transmissão desses tempos vários.

5.1. Translúcido - Passado

Ao escolher o suporte translúcido, tive em atenção o facto de através desse material podermos perceber o que está por detrás dele e receber, embora difusamente, elementos de luz que entendo como memórias que fazem o nosso tempo interior, ou seja, a forma como “vemos” (sentimos) o que existe na Natureza Exterior e o transportamos para a Natureza Interior. Assim, acrescento ao tempo cronológico o tempo interior.

O futuro ainda não existe e, quando chegar, deixará de ser futuro, para ser presente.

O passado já deixou de existir e, quando existiu ainda não era passado, mas sim, presente.

Precisamos sempre saber quando uma etapa chega ao fim. Se insistirmos em permanecer nela mais do que o tempo necessário, perdemos a alegria e o sentido das outras etapas que precisamos viver.

Também nos meus trabalhos (Figg. 15, 16, 17,18, 19; pp. 33-37), abri e encerrei ciclos, neles utilizando diferentes materiais e alegorias dos tempos vários.

“Onde não estamos é que estamos bem. Já não estamos no passado, e então ele parece-nos belíssimo.”²⁹

²⁸ https://pensador.uol.com.br/frases_de_william_shakespeare/

²⁹ https://pensador.uol.com.br/autor/anton_tchekhov/

5.2. Negro - Encoberto

Afinal, o que é o tempo, uma vez que o passado já não é e o futuro ainda não é? Só o presente existe, mas, por outro lado, o presente o que é senão esse contínuo trânsito do futuro para o passado, do ainda não para o já não? É sempre no presente que vivemos, mas projetados para o futuro.

Mesmo o passado é sempre iluminado pelo futuro. Penso, de resto, que há mistura no entendimento dos tempos, pensamentos, emoções que vêm do passado e que nos acompanham para o futuro, num processo de depuração...

Na sequência das várias reflexões que tenho feito sobre o tempo nos meus trabalhos, utilizo o negro como alegoria de presente. De um presente também feito de passado, sentido hoje, encoberto já tanto pelas memórias quase desfocadas, quanto pelas emoções da representação atual dessas mesmas memórias. A maioria das memórias nostálgicas levam-me a emoções tristes. E também a perguntas sem resposta.

Se no translúcido, ainda somos permeáveis ao que vem de trás, no encoberto - que utilizo com frequência nos meus trabalhos através de manchas negras - tento dar forma às emoções sentidas agora.

O negro aplicado no translúcido permite-me uma nova leitura entre passado, presente e perspectivas de futuro.

“ O que o intelecto restaura em nós sob o nome de passado não é o passado. Na realidade, logo que cada hora de uma vida se esvai, ele se incorpora em algum objeto material, como fazem as almas dos mortos em certas histórias populares, e aí se esconde. Aí permanece cativo, cativo eternamente, a menos que devamos reconhecer o que nele se encontra, chamá-lo por seu nome, e colocá-lo em liberdade.”³⁰

³⁰ Marcel Proust in WARREN, Maria Celeste de Almeida, (2010), *Paisagens Signicas*, Salvador, Edufba.

5.3. Brilho - Futuro

“Sabemos o que somos, mas não sabemos o que poderemos ser.”³¹

O futuro tem muitos nomes. Os incapazes chamam-no de inalcançável, os medrosos de desconhecido... para os valentes, futuro é a oportunidade.

Quantas vezes nos sentimos preocupados com o futuro, temos a sensação de andar sobre um fio estendido num lugar escuro?

Quantas vezes temos a determinação em vencer e quantas vezes damos um passo atrás, com medo de avançar?

Procuramos sempre garantias, certezas, acostumados que estamos a padrões de comportamento que trazemos do passado. E olhamos para o futuro como se usássemos óculos coloridos com a cor e o brilho que cada um de nós foi criando ao longo da vida.

É assim que utilizo o brilho nos meus trabalhos, por vezes um brilho transparente, como alegoria de futuro e de esperança.

Com o tempo, tudo muda. Mas o “eu” transcende o tempo. Pela memória, pela atenção, pela expectativa, o espírito unifica os três modos do tempo numa certa simultaneidade: pela memória, temos o passado no presente; o presente atual temos-lo pela atenção; o futuro torna-se presente enquanto o esperamos.

É este espaço de mutação da Natureza Interior, e de interligação dos tempos, que com os vários suportes e materiais tento representar nos meus trabalhos.

Da mesma forma que observei e refleti sobre as várias mutações na Natureza Exterior, pretendo com os meus trabalhos fazer também uma reflexão e uma representação da mutação da Natureza Interior.

“ (...) acima de tudo, uma experiência de intimidade plácida e feliz com o calor e a maciez que a natureza nos traz de presente. Enfim, reflexos, sombras, brilhos, neblinas, no lusco-fusco de suas danças sutis, ao atraírem nossos sentimentos, exaltam nossas fantasias.”³²

³¹ https://pensador.uol.com.br/frases_de_william_shakespeare/

³² WARREN, Maria Celeste de Almeida, (2010), *Paisagens Sígnicas*, Salvador, Edufba.

5.4. Grelha - Corpo

Também procuro nos meus trabalhos mostrar reflexões sobre a Natureza Interior e a Natureza Humana, nomeadamente de onde vêm. Para mim, a Natureza é um sistema único e infinito, com harmonia e mistério, que está em todo o lado, dentro e fora. A Natureza Interior encontra-se dentro de uma forma, o corpo humano.

Na história da Arte, os gregos e romanos, por exemplo, consideravam o corpo como um ideal de beleza e perfeição, esculpiam estátuas e desenhavam quadros que representassem o homem, enquanto corpo idealizado.

O corpo humano é definido como a estrutura física e individualizada do homem, portanto, é formado de diversas partes que dependem umas das outras.

A ideia de corpo, estrutura, grelha, levou-me a representar nas grades patentes nas minhas obras o corpo humano. São estruturas, suportes, quais metáforas de corpos humanos, variados na sua diversidade.

As estruturas dos meus trabalhos apresentam no seu interior, jogos dinâmicos e por isso diferentes, com diferentes impactos do corpo humano, conquanto utilize no exterior das mesmas grades a grelha clássica grega, o Retângulo de Ouro, porque nele encontro a harmonia que se aplica ao meu trabalho.

O Retângulo de Ouro é um objeto matemático muito interessante e de grande valor estético que existe para além do reino da Matemática, nomeadamente na Arte, na Arquitetura e na Natureza.

As dicotomias “ dentro / fora “ , “ interior / exterior “ , “ matérico /atmosférico” constituem nos meus trabalhos um conjunto simples mas complexo.

As emoções (Natureza Interior) são o negro e o brilho, em suma, o que está dentro do corpo. Quanto ao corpo em si (Natureza Humana) são as grades. O espaço (Natureza Exterior) é o translúcido. São estas vertentes que formam a unidade nos meus trabalhos.

*“ Por natureza , todos os homens desejam o conhecimento, prova disso é o valor que damos aos sentidos, acima de tudo à visão, porque de todos eles é o que mais nos ajuda a conhecer coisas, revelando muitas diferenças.
Depois vem a experiência, seguida da inteligência e a mudança (transformação.) ”³³*

³³ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, Ensino Secundario, (1974), *Filosofia, O Conhecimento e o Ser*, Lisboa, Garcia & Carvalho.

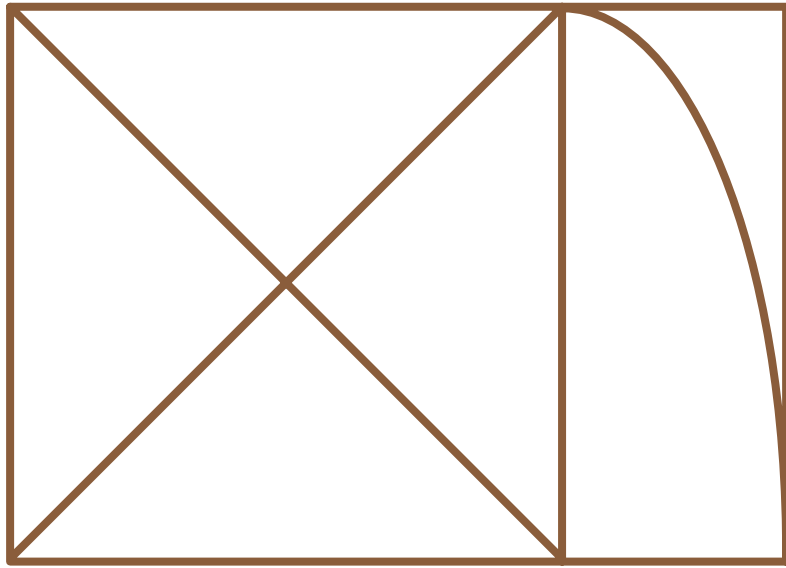


Fig 13.,

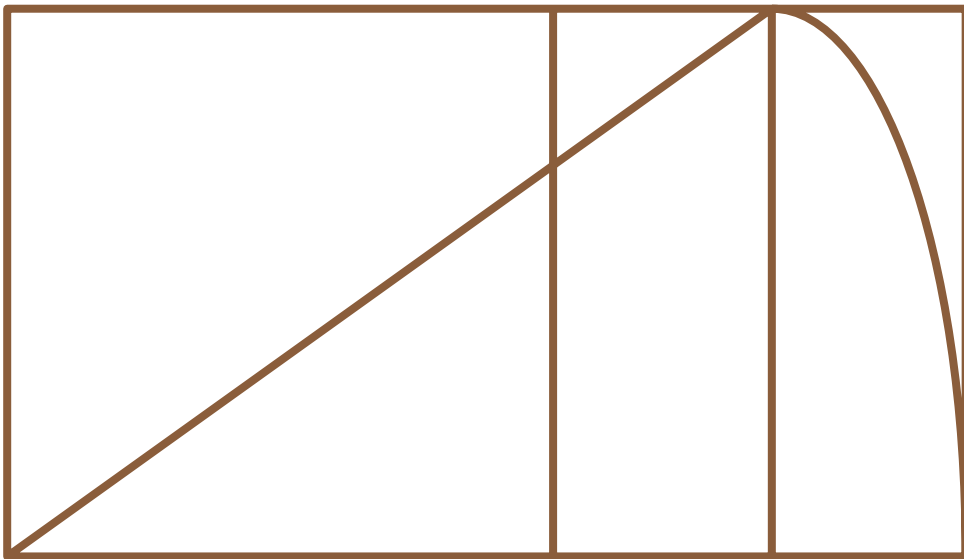


Fig 14.,

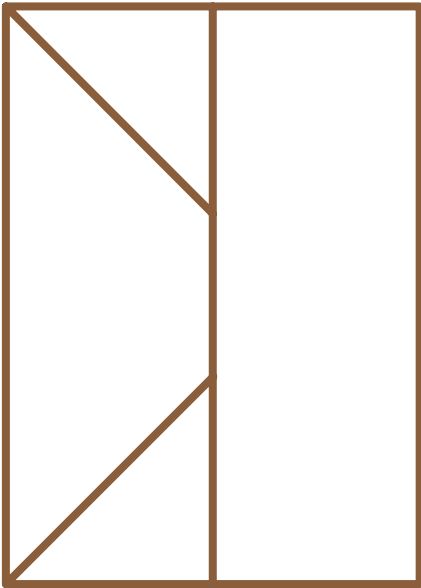


Fig 15., 2015

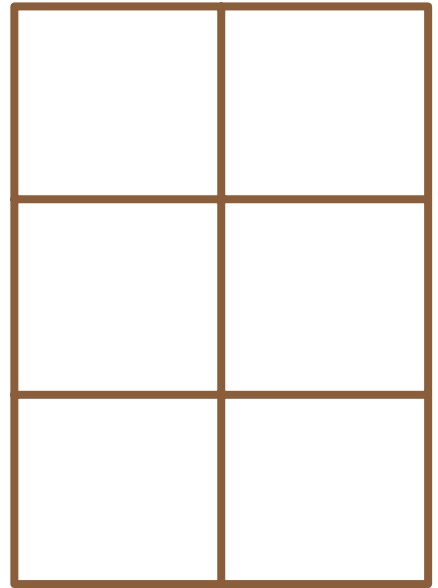


Fig 16., 2015

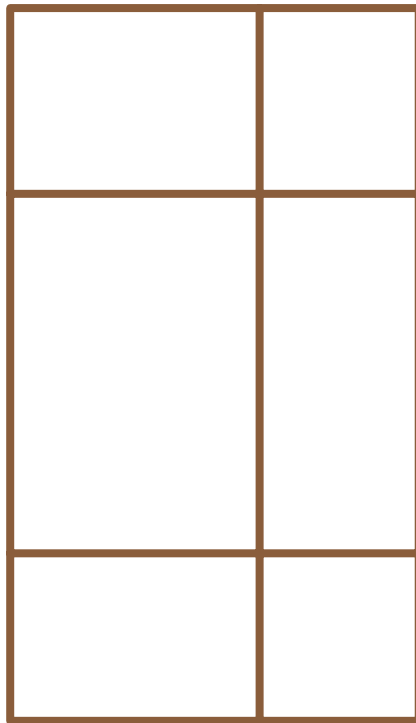


Fig 17., 2015

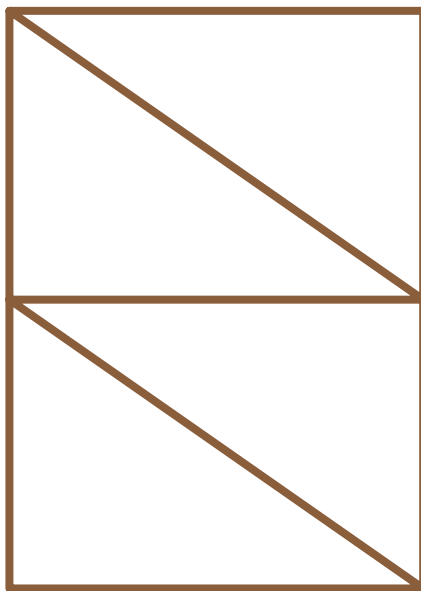


Fig 18., 2015

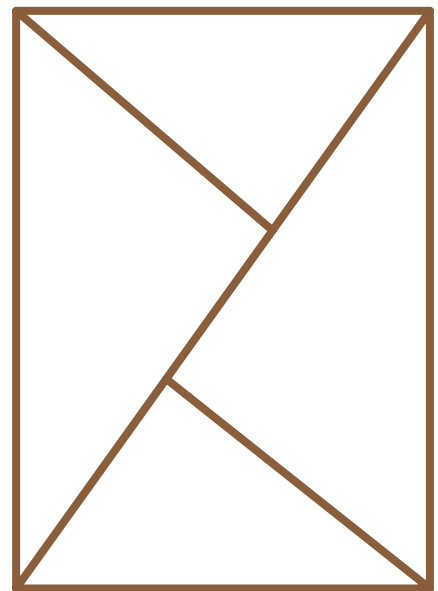


Fig 19., 2015

CONCLUSÃO

Neste projeto acompanham-me várias perguntas e também várias reflexões. Sempre com a Natureza e com as emoções por base. E com o Infinito (ausência de limites) como denominador comum de perguntas e reflexões.

Ao longo das fases de criação dos meus trabalhos e das fases de execução desta Tese fui inspirada pela paisagem, pela Natureza e pela Poesia. Não tendo intenção de criar uma imagem reconhecível, pretendi, isso sim, transmitir emoções. Emoções que, tal como as nuvens, são informe visível a que eu tentei dar formas, mostrando as várias mutações observadas. As formas do informe.

E, como procurei explicar ao longo desta Tese, apresento através dos meus trabalhos um conjunto dinâmico, resultado do estudo, da reflexão, dos movimentos, das mutações da Natureza Exterior e da Natureza Interior, das cores vivas nos meus primeiros trabalhos, do preto e do brilho nos meus trabalhos mais recentes.

Através dos meus trabalhos, e disso dei conta nesta Tese, vivenciei na Natureza Exterior a energia patente na Natureza Interior, que reputo possível devido às mutações de luz e de energia sobre a mancha-forma.

Sobre o corpo humano refleti e teci nesta Teses algumas considerações sobre o como e o porquê de as estruturas dos meus trabalhos apresentarem no seu interior jogos dinâmicos e, por isso, diferentes nas suas formas.

A ideia de corpo, estrutura, grelha, levou-me a representar nas grades patentes nas minhas obras o corpo humano, variado na sua diversidade.

Interessa-me agora, para concluir, dar conta de como para os meus trabalhos foi, e é, importante a sua orientação, a verticalidade.

O movimento que faço com o meu olhar, de baixo para cima, traduz a minha busca constante de respostas à pergunta “de onde venho e para onde vou?”. Esta é a pergunta major, aquela que está subjacente a todas as outras que fui fazendo ao longo das várias etapas do meu trabalho: “Vida ou Morte”, “Noite ou Dia”, “Finito ou Infinito”...

Esse movimento, essa orientação, a verticalidade, marca os meus trabalhos mais recentes.

Quero com isto dar conta de que a cada etapa, a cada resposta que no meu trabalho encontrei, mais perguntas fui fazendo.

Sempre, porém, com a vontade de dar formas ao informe, de mostrar que em cada forma há encoberto, há brilho...

Sempre, também, com a noção de que é o equilíbrio e a harmonia que fazem a ligação entre Natureza Humana, Natureza Interior e Natureza Exterior. E foi com este alinhamento, metáfora do olhar de baixo para cima, que estudei e refleti.

Mas é o movimento, a linha que há nesse movimento de baixo para cima, em suma a verticalidade, que destaco nos meus trabalhos mais recentes como alegoria da procura constante de respostas. Procura constante e incessante.

Constante, porque me tem alimentado nas várias etapas de criação dos meus trabalhos.

Incessante, porque ainda hoje, no término desta Tese, continuo a procurar respostas e emoções como elementos de partilha nos meus trabalhos, nas formas do informe que proponho.



Fig 20., 2015

ANEXO



Fig 21., 2015



Fig 22., 2015



Fig 23., 2015



Fig 24., 2015

*“Tenho de me render ao que me rodeia, de me unir às
nuvens e às pedras
de modo a ser o que sou.
Preciso de solidão para comunicar com a Natureza.”* ³⁴

³⁴ Casper David Friedrich in WOLF, Norbert, (2002), *Romantismo*, Taschen.

BIBLIOGRAFIA

Utilizada:

GOETHE, Johann Wolfgang, (2012), *O jogo das Nuvens*, Porto: Assírio & Alvim.

KANDINSKY, Wassily, (2015), *Do Espiritual na Arte*, Alfragide, Dom Quixote.

KANDINSKY, Wassily, (2008), *Gramatática da Criação*, Lisboa, Edições 70.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, Ensino Secundario, (1974), *Filosofia, O Conhecimento e o Ser*, Lisboa, Garcia & Carvalho.

PESSOA, Fernando, (1986), *Obra Poética e em Prosa*, (Vol.1), Porto, Lello e Irmãos - Editores.

VERLAGSGESELLCHAFT, Naumann & Gobel, (2012), *Maravilhas da Natureza*, Vemag,

WARREN, Maria Celeste de Almeida, (2010), *Paisagens Sígnicas*, Salvador, Edufba.

WOLF, Norbert, (2002), *Romantismo*, Taschen.

ZOLLNER, Frank, (2005), *Leonardo Da Vinci Desenhos e Esboços*, Koln, Tascen.

Consultada:

COELHO, Luís, (2013), *O Corpo e o Nada, mini-ensaios teofilosóficos*, Lisboa, Apeiron.

CONEE,Earl e SIDER, Theodore (2010), *Enigmas da Existência, uma visita guiada à Metafísica*, Lisboa, Bizâncio.

OPARINE, (1972), *A origem da vida*, Brasília Editora.

SASKYA, Emanuel, (1995), *Espiritualismo*, Lisboa, Estampa.

WARBURTON, Nigel (2007), *O que é a Arte?*, Viseu, Bizâncio.

ÍNDICE DE IMAGENS

Fig. 1. Tinta de china, cafe sobre papel, 20 x 15 cm, 2013.

Fig. 2. Tecnica mista (óleo, acrílico) sobre MDF, 130 x 75 cm, 2013.

Fig. 3. Tecnica mista (óleo, acrílico) sobre MDF, 130 x 75 cm, 2013.

Fig. 4. Tecnica mista (óleo, acrílico) sobre MDF, 130 x 75 cm, 2013.

Fig. 5. Fotografia, 2014.

Fig. 6. Fotografia, 2014.

Fig. 7. Fotografia, 2014.

Fig. 8. Fotografia, 2014.

Fig. 9. Tecnica mista (tinta industrial, cola) sobre papel translúcido, 90 x 45 cm, 2015.

Fig. 10. Tecnica mista (tinta industrial, cola) sobre papel translúcido, 90 x 45 cm, 2015.

Fig. 11. Tecnica mista (tinta industrial, cola) sobre papel translúcido, 90 x 45 cm, 2015.

Fig. 12. Tecnica mista (tinta industrial, cola) sobre papel translúcido, 90 x 45 cm, 2015.

Fig. 13. Exemplo de Retângulo de Ouro.

Fig. 14. Exemplo de Retângulo de Ouro.

Fig. 15. Estrutura de grades (madeira), 170 x 120 cm, 2015.

Fig. 16. Estrutura de grades (madeira), 170 x 120 cm, 2015.

Fig. 17. Estrutura de grades (madeira), 227 x 120 cm, 2015.

Fig. 18. Estrutura de grades (madeira), 170 x 120 cm, 2015.

Fig. 19. Estrutura de grades (madeira), 170 x 120 cm, 2015.

Fig. 20. Tecnica mista (tinta industrial, cola) sobre papel translúcido, 170 x 120, 2015.

Fig. 21. Tecnica mista (tinta industrial, cola) sobre papel translúcido, 170 x 120, 2015.

Fig. 22. Tecnica mista (tinta industrial, cola) sobre papel translúcido, 227 x 120, 2015.

Fig. 23. Tecnica mista (tinta industrial, cola) sobre papel translúcido, 170 x 120, 2015.

Fig. 24. Tecnica mista (tinta industrial, cola) sobre papel translúcido, 170 x 120, 2015.

AS FORMAS DO INFORME



Escola Superior de Artes e Design Caldas da Rainha
Mestrado em Artes Plásticas - Caldas da Rainha 2016

